

PAIS E PROFESSORES COMO EXPLICAÇÃO DE VARIÁVEIS DO RENDIMENTO ESCOLAR

(2007)

Nilton Soares Formiga

Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba
Docente da mesma universidade

Contacto:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

As discussões a respeito do rendimento escolar, seja em estudantes do nível fundamental ou médio, têm recebido diversos enfoques de análise; da avaliação a prática docente à participação familiar, tem sido destacado, cada um o seu valor e importância; porém, discute-se quanto a influência que certos grupos que estes convivem quotidianamente, podem ou não predizer o êxito dos mesmos. Este trabalho pretende, mais uma vez, contribuir na elaboração de práticas para o rendimento escolar dos jovens e produzir uma atitude interessada na formação cultural e intelectual.

Palavras-chave: Família, Escolar, Rendimento escolar, Educação

INTRODUÇÃO

Em um recente artigo (ver formiga, 2002), observei que quanto maior identidade com os chamados endogrupos, por exemplo, família (pai, mãe, irmãos) e professores, melhor a relação com os indicadores de rendimento escolar (auto-percepção de bom estudante, média geral no semestre e horas de estudo). Por outro lado, a identidade com os familiares (tios, primos etc.), companheiros de estudo e vizinhos apenas explicou a auto-percepção de ser bom estudante, não apresentando relações significativas com os outros indicadores. Frente a esses resultados, algumas reflexões me inquietaram, principalmente, aquelas relacionadas a dimensão do papel e responsabilidade de certos grupos sociais capazes tanto de orientar quanto efetivar uma atitude de êxito acadêmico, por exemplo, a família (categorizado funcional e estruturalmente nos pais) e a escola (funcional e estruturalmente definida nos professores); estas instituições levou-me, a partir das considerações

discursivas de educadores e a sociedade de um modo geral, a pensar mais uma vez nas explicações quanto ao fenómeno do êxito escolar, e principalmente, envolvido na dinâmica normativa desses grupos sociais, apontar em direção de uma formação e orientação cultural dos jovens quanto a ser algo para além da nota e aprovação acadêmica.

Porém, antes de hipotetizar o que de fato vislumbro diante desse novo estudo, uma reflexão merece ser apresentada, a qual tem como base o estudo anterior de Formiga (2002); sendo a educação, como prática e teoria, propiciadora de respostas não somente quanto a importância de uma organização e estruturação de pessoas-mundo pensante e formadores sócio-culturais, a qual desde os gregos foi manifestada como objetivo principal para a humanidade durante séculos (Werner, 1995), como também, a importância que esta fomentava em termos da formação de valores visando desenvolvimento social e humano, integrando formas de saberes especializados ou não (Ortiz, 2001) convergindo para uma desejabilidade social por parte das instituições, tanto da família quanto escola, de um jovem culto, social e profissionalmente existoso devido ao investimento dispensando na educação desse jovem por ambas as instituições. Com isso, é possível que a afiliação desses jovens com os chamados pares sócio-normativos, isto é, aqueles que são psicossocialmente, responsáveis e atuam diretamente pelo estabelecimento e manutenção das condutas normativas dos jovens na sociedade (neste caso, como se referenciou acima, o pai, mãe e professor); sendo assim, frente a tais questões é possível que essas variáveis - pares sócio-normativos - apresentaram um escore preditivo* em relação aos indicadores do rendimento escolar.

Segundo Formiga (2005), ao se investir nesta direção, a afiliação com esses pares e a sua influência nas condutas de rendimento escolar em jovens, pretende-se enfatizar o quanto eles, em termos afetivos, se assemelham com essas pessoas em seu cotidiano, já que eles são fatores humanos que procuram dar seguimento, recíproco, a uma formação de conduta e atitudes valorativas que correspondam a desejabilidade socialmente aceita. Tal fato parece ser comum quando acompanhamos os discursos diários em relação a continuidade família-escola e pais-professores, os quais são concebidos como âncora na contribuição de um apoio para a formação condutual e social na orientação e transmissão de valores e expectativa ética para esses jovens (Formiga, 2002; Formiga; Sampaio; Ferreira; Lüdke; Gouveia & Omar, 2002). De acordo com a perspectiva considerada por Bronfenbrenner (1994/1996; ver Polonia & Senna, 2005), tais interconexões possibilitam não somente a ampliação nas variações dos vínculos afetivos-comportamentais e do desenvolvimento de papéis sociais, mas também, no estabelecimento de redes de informação e formação que possa estabelecer elos psicossociais inibidores dos fatores de risco para os jovens.

Desta forma, este fenómeno tem despertado uma busca de respostas sobre o êxito escolar, especialmente, quanto ao desenvolvimento intelectual e social, levando a pesquisar desde aspectos

* Ao considerar o poder preditivo em uma pesquisa faz-se referência ao cálculo da análise de regressão; esse cálculo estatístico visa, a partir de seus indicadores psicométricos, prever uma relação funcional entre as variáveis independentes sobre as dependentes, ao invés da relação causa e efeito proposto pela correlação de *Pearson*; assim, se pretende com esse cálculo elaborar uma espécie de modelo teórico.

atribuicionais ao rendimento escolar (Berrios Martos; García Martínez & Martín Chaparro, 2000; Formiga, 2004a; Omar; Uribe; Ferreira; Assmar; Terrones & Beltran, 2000) aos afetivos-motivacionais e estilos de aprendizagem (OMAR, 2002). Tais estudos vêm refletir o descaso dos jovens frente a uma educação que valorize a intelectualidade e socialização, bem como, quanto ao desapego do conjunto social (família, escola e governo) diante de uma construção do conhecimento e cultural mais qualificado (Formiga, 2002).

Se por um lado se discute a forma de avaliar e a qualificação da avaliação no que diz respeito à objetividade e apreensão do conhecimento dos alunos (Perrenoud, 1999), por outro, a busca e valorização da criatividade destes quanto à diversidade da construção, desenvolvimento e aplicação do conhecimento (Gardner, 1999). Em termos da aprendizagem, Formiga (2002; 2004a) considera que esta, implicitamente, pode ser encontrada no processo da educação, a qual se constitui algo natural* inclusa no cotidiano das pessoas em reciprocidade com o meio externo, capaz de reverberar acertos e erros quanto a melhor trilha e o mais eficiente caminho do aprender e sua aplicação. Este tema tem chamado atenção dos mais variados setores da sociedade, da economia à psicologia, muito se questiona sobre este assunto, necessitando de soluções para esta área, principalmente, no que diz respeito a relação família-filho-escola e suas necessidades educacionais relacionado ao rendimento escolar (Aragonés, 1995; González Fontao, 1998), bem como, ao discurso que é produzido na escola e seus partícipes; dos diretores aos professores, da família aos seus filhos/alunos encontra-se um exercício de poder, o qual segundo SOUZA (1997) é construído, tanto de forma abstrata quanto histórica no interior da escola, efetivando assim, reflexões sobre a prática educacional e a importância do conjunto – escola-aluno-família – numa desconstrução do papel da educação atual.

Com isso, especulações são feitas em torno da descoberta do que está por trás da dificuldade de instruir-se e entre elas a hipótese de que os aspectos sociais são os seus maiores determinantes (Chaves, 1992). Porém, recentes estudos realizados em Espanha (Ros; Grad & Matinez-Sánchez, 1999) e Portugal (Ceis, 1998), Brasil (Formiga; Queiroga & Gouveia, 2001) têm apontado caminhos diferentes para a solução desses problemas; por um lado, reflete-se o problema dos conflitos entre os valores de professores-filhos-pais, por outro, às prioridades valorativas das pessoas e os processos de atribuição de causalidade intrínseca ou extrínseca (Formiga, 2004a) em relação aos indicadores do rendimento escolar, como, horas de estudo, notas no final do ano, etc. Ambas as reflexões, apontam para uma perspectiva psicossocial quanto ao fenômeno do rendimento escolar, a qual defende a interação social na construção da realidade social deste fenômeno. De fato, ciência e sociedade, colégio e família, pais e filhos, professores e estudantes, fazem parte de uma dimensão maior, ainda pouco detalhada. O fato em dizermos o que e como fazer não é, hoje, suficiente para os filhos e, respectivamente, ao aluno, é preciso que haja maior interação, necessitam-se ter em mente que não há filhos ou alunos-problemas, e sim, com problemas (Calligaris, 2000), neste caso, com problemas de rendimento escolar.

* É óbvio que tal processo é bem mais que isso, portanto não se pretende aqui discutir sobre tal questão, se esta é inata ou adquirida, nem também, quanto à passagem do aprender simples ao complexo.

O jovem tem uma vida diária extremamente interativa, conhece pessoas dos mais diversos comportamentos e características, do adulto ao mais novo, do pobre ao rico, do professor à diretora, etc., em todos eles estão explícitos, topologicamente, uma dinâmica intergrupala dos jovens, seja com o intuito da quebra de norma seja para atender a uma conduta socialmente desejável (ver Formiga, 2005a). Apesar de se encontrar na literatura uma direção teórica e prática sobre os fatores como tipo de família, número de irmãos e a educação familiar serem relevantes para um bom rendimento escolar, assim como, as características individuais dos alunos (maturidade, ritmo pessoal, seus interesses e aptidões específicas, seus problemas nervosos e orgânicos), a solução mais palpável remetida à escola seria manter equilibrada a relação aluno-professor-família (Aragonés, 1995; Huici, 1995; Papalia & Olds, 1998), principalmente, quando se trata nesta relação juízos de valor e a formação de uma orientação cultural não somente a que origina das relações sócio-históricas, bem como, aquelas socializadas nas famílias e na escola. Por exemplo, segundo Formiga (2004b; Cole & Cole, 2003), estas instituições são capazes de fomentar em cada sujeito alguns tipos de orientação cultural que permitiria o jovem agir de forma individualista - ser único, diferente dos demais; orientado ao êxito, ao triunfo – ou coletivista - ser cooperador, que colabora; cumpridor dos deveres com os demais, servidor – nas suas relações interpessoais, de maneira tal, que não venha a subestimar a construção intra-cultural dos padrões normativos experimentadas na família, mas que possa utiliza-lo como via de mão dupla na formação e dinâmica escolar.

Alguns estudos têm mostrado como o rendimento em sala de aula pode ser afetado a partir do tipo de relação que o professor estabelece com seus alunos; as qualidades do professor, como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, facilitam a aprendizagem; o contrário, autoritarismo e inimizade, geram antipatia por parte dos alunos que podem fazer com que eles associem a matéria ao professor e reajam negativamente a ambos (Aragonés, 1995; Formiga & Menezes, 2000). Porém, Rodrigues (1981) sugere que, frente a tais questões, que cabe ao profissional observar as disposições subjacentes ao comportamento dos alunos da maneira fiel possível, ou seja, mantendo certa neutralidade, evitando rotulações ou atribuições preconceituosas (diferenciação quanto ao sexo, classe social etc.), bem como, no controle e administração de conflitos psicossociais, originados de outras relações, e que se deslocaram na presente interação inesperadamente. Tais comportamentos podem trazer como consequência, dentre outras coisas, que o professor passe a dar mais *inputs* ou auto-valorização àqueles alunos considerados com um desempenho elevado, ou seja, há um maior reforço do professor para os estudantes considerados mais capazes, mesmo que não intencionalmente (Formiga; Gusmão; Queiroga; Gouveia & Maia, 2000) e menor apoio acadêmico e humano aos que estão limitados ou com dificuldades de assimilação do saber teórico-pedagógico.

Numa outra dimensão, Moreno e Cubero (1995) considera que a família, independente da consideração sobre a obrigatoriedade que a mesma tem quanto a frequência a escola, esta tem sido um dos padrões gerais de influência quanto às práticas educativas, por exemplo, a auto-estima, motivação, responsividade, etc., paralelamente a escola; considerada ou não como currículo oculto, esta é capaz de determinar o desenvolvimento cognitivo e social do jovem, podendo não somente

intervir na produção e formação científica, como também, no que diz respeito ao processo de socialização deles. Inserido nesse processo escolar, encontra-se o professor, parte e elo fundamental entre escola e família. No desenvolvimento escolar o professor tem sido considerado uma das pedras fundamentais quanto a produção do conhecimento e sua aplicação, de acordo com Papalia e Olds (1998; Cole & Cole, 2003), os professores estão diretamente envolvidos com as tomadas de decisões dos alunos, esse fato diz respeito a espera recíproca entre professor e aluno, não em termos de transferência inconsciente, isto é, o professor considerado como uma projeção paterna ou mesmo detentor de um suposto saber (GARCIA,2001), mas para isso ou, *a prioristicamente*, é necessário considerar a cognição, afetividade e toda a instrumentalidade que circundam tal situação e sua influência sobre os alunos. A participação ativa e construtiva da sociedade é um dos grandes fatores capaz de formar relações humanas e pessoas – professores e alunos – auto-eficazes (ver Bzuneck, 2000). Sendo assim, como destacado no início deste trabalho, é a partir de um estudo realizado anteriormente (ver Formiga, 2002) o qual possibilitou uma explicação para os indicadores do rendimento escolar aqui abordado tem-se o seguinte objetivo: 1 - avaliar a consistência da relação interna entre os pares sócio-normativos, bem como, entre os indicadores do rendimento escolar; 2 - avaliar se esses pares sócio-normativos ainda são capazes de predizer os indicadores do rendimento escolar.

MÉTODO

Amostra

A amostra foi composta de 520 jovens, distribuídos igualmente no nível escolar fundamental e médio, da rede privada e pública de educação em João Pessoa - PB. Os respondentes foram de ambos os sexos, a maioria deles era do sexo feminino, 53%, apresentando idades entre 15 e 20 anos, dos quais a maioria, 95% era solteira, com renda econômica acima de 1640,00 Reais. Essa amostra foi não probabilística, e sim intencional, pois além do propósito de garantir a validade externa de alguns instrumentos da pesquisa, pretendeu-se assegurar a possibilidade de realizar as análises estatísticas que permitiam estabelecer as relações entre as variáveis estudadas.

Instrumento

Os participantes responderam os seguintes questionários:

Questionário da identidade com pares sócio-normativos. Nesse instrumento, o sujeito era orientado a responder as questões referidas a sua identificação com os pares, isto é, eles deveriam assinalar, marcando com um círculo ou **X** numa escala tipo Likert de cinco pontos que variava de **0** = Não me Identifico totalmente a **5** = Identifico-me totalmente, o quanto se assemelhavam a cada desses pares referidos no questionário, por exemplo, pai, mãe e professores. Para isso, deveriam focalizar o quanto cada um dos pares contribuiria, de forma contínua, para sua formação social e normativa em sua vida cotidiana dos jovens (Formiga, 2005b).

Indicadores do rendimento escolar. Questões referidas às **horas dedicadas ao estudo**, não considerando as atividades fora do colégio (por exemplo, aula de língua estrangeira, reforço escolar, etc.), para isso, o sujeito deveria indicar, em um espaço pontilhado no final da pergunta, quantas horas e/ou minutos dedica ao estudo quando não está no colégio. Constou também, uma questão relativa a sua **auto-percepção como estudante**, na qual o sujeito deveria responder o quanto ele se considera bom estudante, adotando uma escala que variava **0** = Péssimo a **5** = excelente. Por fim, o estudante deveria indicar, aproximadamente, **a sua nota no final do ano**. Para isso poderia consultar o boletim ou histórico escolar.

Caracterização Sócio-Demográfica. Foram elaboradas perguntas que contribuíram para caracterizar os participantes deste estudo (sexo, idade, estado civil, classe social), bem como realizar um controle estatístico de algum atributo que possa interferir diretamente nos seus resultados.

Procedimento

Para a aplicação dos instrumentos, inicialmente visitou a coordenação das instituições de ensino, falando diretamente com diretores e em seguida com os coordenadores responsáveis procurando obter a autorização correspondente. Neste sentido, foram expostos sumariamente os objetivos da pesquisa, contando com a participação efetiva dos alunos. Obtida a autorização, os mesmos foram convidados a responder voluntariamente os instrumentos; para tanto, planejou-se que ao menos um aplicador, previamente treinado, estivesse presente em sala de aula. Sua tarefa consistiu em apresentar o material de pesquisa, solucionar as eventuais dúvidas e conferir a qualidade geral das respostas emitidas por estes. A todos foi assegurado o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas seriam tratadas estatisticamente no seu conjunto.

Tabulação dos dados e Análise de Dados

No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se o pacote estatístico SPSS para Windows 10.0. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) e efetuadas correlação de Pearson (r) e análise de regressão linear.

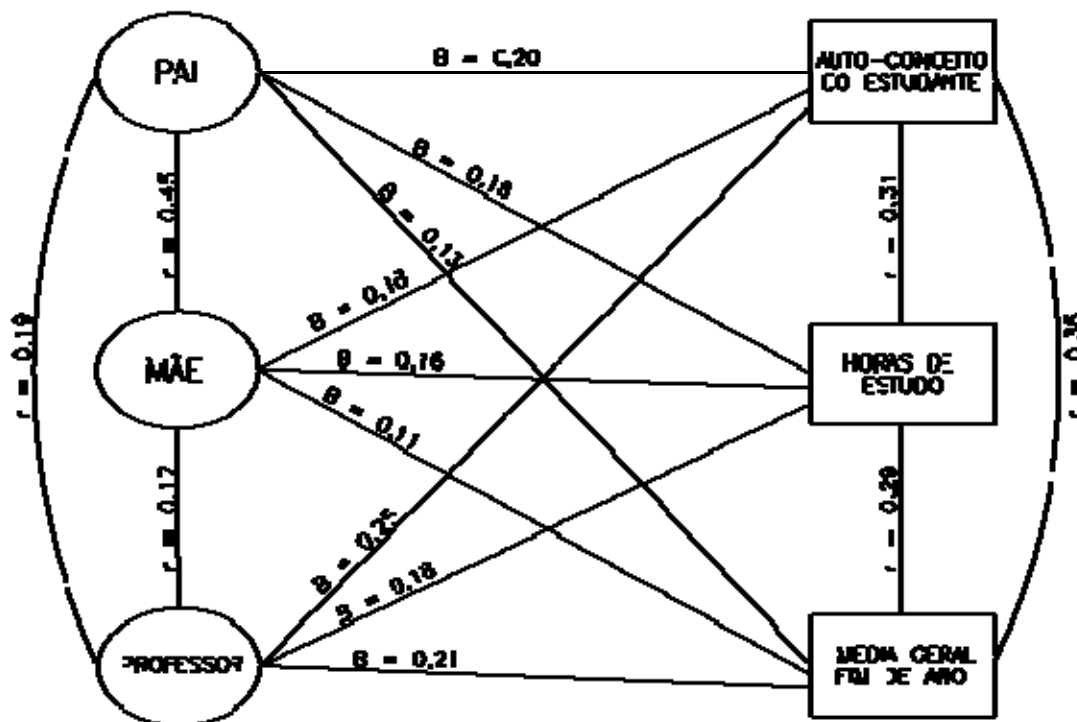
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, resolveu-se avaliar as relações entre os pares sócio-normativos, a fim de refletir a dinâmica interna da afiliação entre os pares; para isso, efetuou-se uma correlação de Pearson (r), através do qual foram observados os seguintes resultados: todos os pares estiveram correlacionados entre si, isto é, a identidade com o pai relacionou-se diretamente com a mãe ($r = 0,45$, $p < 0,01$) e estes com o professor, respectivamente, ($r = 0,19$, $p < 0,01$) e ($r = 0,17$, $p < 0,01$). Vale destacar que, quanto aos indicadores do rendimento escolar, estes estiveram relacionados entre si: o auto-conceito do estudante correlacionou-se com horas dedicadas ao estudo ($r = 0,31$, $p < 0,01$) e média geral no final do ano ($r = 0,35$, $p < 0,01$), e esta última com as horas dedicadas ao estudo ($r = 0,29$, $p < 0,01$).

Partindo deste ponto, em termos da identificação com os pares sócio-normativos e a explicação dos indicadores do rendimento escolar, a partir de uma Análise de Regressão procurou-se avaliar o quanto cada um desses pares seria capaz de predizer às horas dedicadas ao estudo, o auto-percepção do jovem como estudante e a média no final do ano. Com isso, a identificação com o pai ($R^2_{\text{Ajustado}} = 0,13$; $F(494/3) = 19,08$; $p < 0,01$) foi capaz de predizer, significativamente, o auto-conceito do estudante ($\beta = 0,20$), às horas dedicadas ao estudo ($\beta = 0,18$) e a média geral no final do ano ($\beta = 0,13$); a identidade com a mãe apresentou escores regressivos, significativos ($R^2_{\text{Ajustado}} = 0,11$; $F(426/3) = 10,56$; $p < 0,01$) para o auto-conceito do estudante ($\beta = 0,18$), às horas dedicadas ao estudo ($\beta = 0,16$) e a média geral no final do ano ($\beta = 0,11$); por fim, a identidade com os professores, também predisse significativamente ($R^2_{\text{Ajustado}} = 0,15$; $F(484/3) = 18,34$; $p < 0,01$), o auto-conceito do estudante ($\beta = 0,25$), às horas dedicadas ao estudo ($\beta = 0,18$) e a média geral no final do ano ($\beta = 0,21$).

A fim de maior esclarecimento, a partir dos resultados apresentados nos parágrafos acima, se optou em elaborar uma figura que fosse capaz de representar tanto as correlações internas quanto aos betas regressivos entre as variáveis que se objetivavam predizer no presente estudo. Sendo assim, é possível contemplar na figura abaixo uma configuração que organiza a predição desses pares – pai, mãe e professor - em relação as variáveis do rendimento escolar. Nestas representações é revelado que tais pares apresentam escores preditivos positivos para o auto-conceito do estudante, horas dedicadas ao estudo e média geral no final do ano. Com isso, vislumbra-se a partir da figura, a possibilidade de um modelo preditivo facilitador desses indicadores do rendimento, principalmente, quando se considerar que esses pares, sócio-normativos, sejam fatores de contribuição para uma melhor formação e conduta escolar dos jovens.

Figura 1: Representação gráfica das variáveis do rendimento escolar e pares sócio-normativos em jovens.



A partir desses resultados, é possível refletir em termos da seguinte direção: 1 – os resultados aqui encontrados corroboram aos já observados no estudo de Formiga (2002); 2 – com esses achados, mais uma vez se percebem a obviedade frente ao apoio dos pares, como os enfatizados no presente estudo, para o êxito de alguns indicadores do rendimento escolar (ver Formiga; Queiroga; Ferreira; Lüdke; Sampaio & Omar, 2002), contexto esse que não somente podem ser avaliadas a partir de reflexões científicas e filosóficas, mas também, discute-se a luz do senso comum, do cotidiano familiar e escolar na busca da manutenção de uma conduta socialmente desejável para o êxito acadêmico. Para esse fato, observa-se uma constante preocupação, implícita ou explícita, por parte de professores e o núcleo familiar, tanto em termos da validade e consistência da educação quanto o bem uso desta para uma formação cultural.

Para essa situação, a sustentabilidade funcional e estrutural de uma atitude educacional – isto é, como, porque e para que, se investe em técnicas e teorias visando melhorias na formação social e intelectual dos jovens – faz-se necessário, a partir desses resultados, salientar o papel tanto social quanto desenvolvimental da participação do professor e da família, seja em termos da construção dos fatores idiossincráticos, por exemplo, do auto-conceito, ou de algo mais concreto, como é o caso da nota – uma variável que também contribui para o processo avaliativo; esses indicadores parecem, ao considerar esses resultados, melhorarem a partir da intervenção ou apoio sócio-acadêmico por parte desses pares. Ao observar a tabela 2, pode ser destacado a influência preditiva dos pares sócio-normativos – pai, mãe, professor – e sua contribuição na melhoria desse rendimento escolar; quanto maior, a afiliação com esses pares, melhor o rendimento de cada um dos indicadores

de êxito escolar, seja subjetivo (auto-percepção) ou concreto (notas e horas de estudo). Algo merece ser chamado à atenção, não se pretende no presente estudo fazer apologia a volta ou permanência de uma educação tradicional, que se debate com insistência, prática e teoricamente, trata-se da responsabilidade, conscientização e orientação do papel psicossocial da prática educacional para cada um desses pares, apontando para o fato do ter filhos e com eles ir para além do ajudar no ensino ou ensinar, procurar formá-los.

Ao observar os resultados das tabelas, hierarquicamente, pode-se perceber que não somente esses pares sócio-normativos se encontram inter-relacionados, bem como, os indicadores do rendimento escolar; parece ser que estas variáveis não estão isoladas, mas, se encontram interdependentes. Ter um auto-conceito como bom estudante, não somente depende da nota que se tira, mas, do tempo que se dedica estudando; na mesma direção poder ser refletido o processo de afiliação com os pares - o quanto cada um desses pares contribui de forma contínua, para sua formação social e normativa na vida cotidiana dos jovens - o qual também, se mostrou interdependente. É preciso conscientizar que a relação família-escola, necessita ser trabalhado junto; um na figura dos pais e a outra na figura dos professores. Se por um lado o professor deve acompanhar o rendimento deste (s) aluno (s), por outro a família deve exigir e procurar saber como o mesmo vem se desenvolvendo nos seus estudos.

Com isso, é possível perceber o quanto é importante o incentivo desses pares na construção do auto-conceito do bom aluno e outros indicadores do êxito escolar; para considerar-se bom aluno não depende somente do próprio sujeito, mas também, do reforço que este venha receber da família e do professor. Afinal qual é o jovem que nunca ficou satisfeito ao ser tomando como comparação como o melhor da sala de aula ou do filho de certa família, como muito estudioso e dedicado, e mais, qual é o pai ou professor que não se orgulha do seu aluno e vice-versa, principalmente por avançar no conhecimento e sucesso acadêmico e profissional (Formiga, 2002). Assim, buscar construir um modelo que comprove o problema do rendimento escolar trata-se de esclarecer condições, mesmo sustentado no senso comum, da importância da família e do professor para a conduta acadêmica de sucesso entre os jovens. Sendo assim, em termos do auto-conceito do aluno, o professor apresentou uma forte influência na construção deste construto, permitindo refletir o investimento nas competências escolares (Perrenoud, 2000) e até sociais; observando os escores preditivos quanto à dedicação dispensada as horas de estudo, explicada pelo grupo família (pai e mãe) e professores, pode-se pensar na direção do compartilhamento, entre essas categorias, ao que se refere em exigir dos alunos mais dedicação e tempo para estudar.

Quanto às notas! Este acompanhamento e obtenção de sucesso é função exclusiva do professor, pois é ele que passa a maior parte do tempo, e têm em mãos as notas destes jovens, observando o aumento e diminuição delas e associando aos comportamentos falhos na prática de estudo do próprio jovem, porém, não pode descartar a participação dos pais com um acompanhamento das notas do seu filho, não gostaria que tal participação fosse pensada como controle ou tradicionalismo, mas, como uma inclusão e diálogo na internalidade familiar, o qual poderá ir além da identificação dos problemas de conduta do êxito escolar, por exemplo, poderá

apontar dificuldades de relacionamento, problemas com drogas lícitas etc., sendo assim, essa interdependência social do rendimento escolar, não estaria cuidando apenas do que é da escola – estudo, aprendizagem, etc. – mas, da conduta sócio-escolar.

Por fim, sabe-se que a educação tem enfrentado grandes dificuldades quanto a sua qualidade e a soluções para problemas tão básicos, como é o caso do rendimento escolar e sua relação com a extinção da repetência e qualidade intelectual e cultural dos alunos; um outro aspecto, diz respeito à ética e interdisciplinaridade (Diskin; Martinelli; Migliori & Santos, 1998) e a participação da família e a sociedade de um modo geral na busca de soluções para este problema. Outra discussão que tem sido constante está em termos do melhor tipo de modelo pedagógico a ser utilizado para formação acadêmica dos alunos, levando as especulações quanto ao melhor modelo: comportamentalista, genético-epistêmico ou histórico-cultural (ver Cerisara, 2000). Definir o melhor caminho para solucionar o baixo indicador do rendimento escolar leva-nos a reflexões mais aprofundadas, por exemplo: políticas educacionais e suas verbas, a individualidade de cada um dos alunos (inteligência, motivação, etc.) a instrumentalidade do ensino, etc. (Carrión; Albinana & Doménech, 1999); porém os estudos sobre os valores podem ajudar na formação destas questões, conhecer tanto sua relação com o rendimento quanto sua hierarquia favorecerá na construção curricular da escola e cultural do aluno (Formiga, 2004b). Neste estudo não se pretende responder totalmente o problema apresentado, mas objetiva-se refletir sobre padrões sociais e culturais de participação educacional, partindo justamente, das discussões cotidianas entre família-aluno-escola.

De fato, uma coisa é concreta e indubitavelmente útil; pais e professores devem se unir para alicerçar uma educação participativa e rentável psicossocialmente, não apenas numa dimensão econômica, mas especialmente intelectual, social e comprometedora com a qualidade do pensamento crítico. O que importa não é apenas aprender a ler e escrever, é mais que isso, trata-se de formar e ser formado. Com isso, o presente estudo pretende se incluir como mais reflexo do prisma do cotidiano escolar e sua relação com os discursos de professores e pais, às vezes chamados tradicionais e exigentes, outras de desinteressados. Não podemos mais culpar e escolher um bode expiatório se faz necessário unir e todos juntos trabalharmos, pensando em nossos jovens e seu futuro cultural e social.

REFERÊNCIAS

ARAGONÉS, J. I. El rol del maestro y del alumno. Em: Carmen Huici Casal (org.). **Estructura y Procesos de Grupo**. Madrid. Universidad Nacional de Educación a Distancia – UNED. 1995, pp. 215-239.

BERRIOS MARTOS, M. P.; GARCÍA MARTÍNEZ, J. M. Á; MARTÍN CHAPARRO, M. P. Influencia de la experiencia previa y de la atribución en lo rendimiento académico. Em: Anastasio Ovejero Bernal, Maria de la Villa Moral Jiménez y Pep Vivas i Elias (Eds.). **Aplicaciones en psicología social**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000. pp. 325-329.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed. 1994/1996.

BZUNECK, J. A. **As crenças de auto-eficácia dos professores**. Em: F. F. SISTO, G. C. OLIVEIRA & L. D. T. FINI (Orgs.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis: Vozes. 2000, pp. 117-134.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARRIÓN, A. C.; ALBINANA, P. H.; DOMÉNECH, F. G. Escala de valoración del profesor I-S. **Anales de psicología**, v. 15, n. 2, pp. 233-238. 1999.

CEIS. **Vanya: valores en niños, adolescente y jóvenes. Exploração e educación en valores**. Madrid: CEIS, 1998.

CERISARA, A. B. A educação infantil e as implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. **Cadernos Cedes**, v, 20, n. 35, 78-95. 1999.

DISKIN, L.; MARTINELLI, M.; MIGLIORI, R. F.; SANTO, R. C. E. **Ética, valores humanos e transformações**. São Paulo: Petrópolis, 1998.

FORMIGA, N. S. Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas em jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 7, n. 2, pp. 134-170. 2005a.

FORMIGA, N. S. **Atribuição de causalidade e rendimento acadêmico: Predição e diferença em alunos da universidade pública e privada**. *Revista de Psicologia da UnC*, v. 3, pp.3-14, 2004a. (www.nead.uncnet.br/revista/psicologia). Consultado em 25/09/06.

FORMIGA, N. S. Comprovando a hipótese do compromisso convencional: Influência dos pares sócio-normativos sobre as condutas desviantes em jovens. **Revista Psicologia: Ciência e**

Profissão. v.25, n. 4. 2005b. (no prelo).

FORMIGA, N. S. O tipo de orientação cultural e sua influencia sobre os indicadores do rendimento escolar. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, n. 16, v. 1, pp. 13-29. 2004b.

FORMIGA, N. S. Os indicadores do bom estudante e sua relação com os endogrupos diários: Perspectivas para uma prática educativa participativa. **Revista Psicologia Argumento**, v.20, pp.21-27, 2002.

FORMIGA, N. S., GUSMÃO, E. E. S., QUEIROGA, F. GOUVEIA, V. V.; MAIA, L. Os valores humanos e indicadores do bom estudante. **IV CCHLA: Conhecimento em debate**, João Pessoa: PB, 2000. p. 54.

FORMIGA, N. S.; MENEZES, F. G. O Papel do Professor na Visão dos Graduandos do UNIPÊ. **Revista do Unipe**, v. 5, n. 1, pp. 88-95. 1999.

FORMIGA, N. S.; QUEIROGA, F.; FERREIRA, K. C.; LÜDKE, L.; SAMPAIO, M.; OMAR, A. Relação endogrupal e o rendimento escolar: Comprovando o óbvio na educação. Em: **II JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: UNIVERSIDADE & CIÊNCIA**. Palmas: Ceulp – Ulbra, 2002, pp. 174-175.

FORMIGA, N. S.; QUEIROGA, F.; GOUVEIA, V. V. Indicadores do bom estudante: Sua explicação a partir dos valores humanos. **Revista Aletheia**, n. 13, pp. 63-73. 2001.

FORMIGA, N. S.; SAMPAIO, M.; FERREIRA, K. C.; LÜDKE, L.; GOUVEIA, V.; OMAR, A. O tipo de orientação cultural como explicação do rendimento escolar: A dimensão psicossocial das práticas educacionais na escola pública e privada. Em: **II JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: UNIVERSIDADE & CIÊNCIA**. Palmas: Ceulp – Ulbra. 2002, pp. 158-160.

GARCIA, P. B. Paradigmas em crise e a educação. Em: Z. Brandão (Orgs.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, v. 35, 2001, pp. 15-22.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GONZÁLEZ FONTAO, M. P. Necesidades educativas especiales/generales. Hacia una nueva denominación. **Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación**, n. 2, v. 3, pp. 89-94. 1998.

HUICI, C. Las relaciones intergrupais en educación. Em: Carmen Huici Casal (Org.). **Estructura y Procesos de Grupo**. Madrid. Universidad Nacional de Educación a Distancia – UNED. 1995, pp. 263-208.

MORENO, M^a. C.; CUBERO, R. Relações sociais nos anos escolares: Família, escola e colegas. Em: César Coll; Jesús Palácios e Álvaro Marchesi (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva**. Artmed: Porto Alegre. 1995, 250-260.

OMAR, A. G. **Rendimiento académico: Estilos de aprendizaje y procesos afectivo-motivacionales**. Conicet: Argentina. 2002.

OMAR, A. G.; URIBE, H. D.; FERREIRA, M. C.; ASSMAR, E. M. L.; TERRRONES, A. G.; BELTRAN, J. M. S. Atribución transcultural del rendimiento académico: Um estudo entre Argentina, Brasil y México. **Revista mexicana de psicología**, v. 17, n. 2, pp. 163-170 2000.

ORTIZ, E. T. La formación de valores en la educación superior desde un enfoque psicopedagógico. 2001. Endereço na página WEB: <http://www.monografias.com/trabajos>. (consultado em 20/05/02).

PAPALIA, D. A.; OLDS, S. W. Desenvolvimento intelectual na adolescência. Em: **O mundo da criança: da infância à adolescência**. São Paulo: Makron Books, 1998, 513-536.

PERRENOUD, P. **Avaliação: Da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

POLONIA, A. C.; SENNA, S. R. C. M. A ciência do desenvolvimento humano e suas interfaces com a educação. Em: Maria A. Dessen; Áderson L. Costa Junior e cols. (Org.). **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artemed. 2005. pp. 190-209.

RODRIGUES, A. **Aplicações da psicologia social**. Petrópolis: Vozes. 1981.

ROS, R.; GRAD, H.; MARTINEZ-SÁNCHEZ, E. **Una intervención en los valores para la mejora de las estrategias de aprendizaje e rendimiento académico**. Informe CIDE. Madrid. 1996.

SOUZA, M. E. V. Relação escola-família: Um enfoque discursivo. **Revista do CCHLA-UFPB**, v. 5, n. 1, pp. 18-29. 1997.

WERNER, J. **Paidéia: A formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes. 1995